

Sociolinguística Variacionista, Ensino de Línguas Estrangeiras e Avaliação de Livros Didáticos

Izabel Maria da Silva¹

RESUMO: O objetivo do artigo foi delinear a relação entre a Sociolinguística Variacionista, o Ensino de Línguas Estrangeiras e a avaliação de livros didáticos para este fim. Nesse sentido, foi traçada uma breve história da aplicação dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista na Educação, no Ensino de Língua Materna e de Língua Estrangeira, bem como de avaliação de material didático. Na conclusão, são apresentadas evidências de carências de estudos sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Variação; Ensino; Língua.

Considerações Iniciais: Pressupostos Teóricos

A Teoria da Variação e Mudança Linguística – também denominada de Sociolinguística Quantitativa, Sociolinguística Laboviana ou Sociolinguística Variacionista – surgiu com a publicação da obra de Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006) com o propósito de descrever o uso variável da língua e os determinantes sociais e linguísticos dessa variação.

Dessa forma, segundo Labov ([1972] 2008), o pressuposto da teoria da variação linguística é o de que a heterogeneidade é inerente a todas as línguas e que essa heterogeneidade não é aleatória, mas ordenada por restrições linguísticas e extralinguísticas. Essas restrições levam o falante a usar certas formas e não outras ao fazer uso de sua língua.

Sobre essa questão, Naro esclarece que

o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras. Em outras palavras, tal como existem condições ou regras categóricas que obrigam o falante a usar certas formas (*a casa*) e não outras (*casa a*), também existem condições ou regras mudáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas em cada contexto. (NARO, 2008, p. 15).

Conforme esclarecem Coan e Freitag (2010), a variação sistemática refere-se aos modos alternativos de se dizer a mesma coisa, sendo que esses modos guardam o mesmo

¹ Professora da Universidade Federal do Pará, onde atua na Faculdade de Educação, Instituto de Ciências da Educação e na Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas, Instituto de Letras e Comunicação.

significado referencial. Ainda, o domínio desses diferentes modos é parte integrante da competência linguística dos indivíduos (WEINREICH, LABOV e HERZOG [1968] 2006).

Para Alkmin (2001), as variações podem ser classificadas em quatro tipos básicos; a) variação diacrônica, que resulta de mudanças ocorridas na história da língua; b) variação diatópica, que é gerada por fatores geográficos; c) variação diastrática, que é o resultado de fatores sociais, tais como idade, sexo/gênero, escolaridade, profissão, e nível sócio econômico; e d) variação diafásica ou estilística, que resultada da adequação que fazem os falantes a diferentes contextos de uso. As variações diatópicas, diastrática e diafásica são sincrônicas, esclarece a autora.

A essa classificação, Frangiotti (2014) acrescenta a variação diamésica. Essa variação diz respeito às diferenças entre as modalidades oral e escrita e, mais recentemente, à modalidade de língua transmitida. Ela é, portanto, associada ao uso de diferentes meios ou veículos. Além disso, ela é associada à noção de gêneros textuais (COAN; FREITAG, 2010).

Segundo esclarece Mollica (2013), a variação ocorre nos níveis lexical, sintático e morfossintático, bem como no subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo.

A Sociolinguística Variacionista e Educação

O reconhecimento de que a competência linguística dos indivíduos demanda que eles dominem os diferentes modos de se expressar em sua própria língua é o ponto de encontro da Sociolinguística Variacional e a educação como um todo e o ensino de língua materna, de forma mais específica.

Segundo Silberstein (2001), a história da interface entre as áreas da Sociolinguística Variacional e Educação pode ser remontada ao episódio jurídico ocorrido em 1979 e que ficou conhecido como “Caso Ann Arbor” ou “Caso King”. Nesse episódio, relata a autora, os estudos de Labov (1972) sobre o inglês vernacular afro americano subsidiaram a decisão do juiz que, dando razão às alegações dos pais de que a escola desconhecia a variante falada por seus alunos afro descendentes e que isto era a causa do fracasso escolar dos mesmos, determinou que o distrito escolar de Ann Arbor primeiramente identificasse a variante falada por seus alunos e, depois, ensinasse esses alunos a ler na variante padrão da língua inglesa norte americana. Essa decisão teve grande impacto no ensino que passou a ser

oferecido nas escolas do distrito de Ann Arbor e repercutiu também na formação de professores que passaram a reconhecer e a abordar as diferenças sistemáticas existentes entre o inglês vernacular afro americano e o inglês padrão norte americano.

Segundo Silberstein (2001), esse caso foi relatado por Labov (1982) e por Smitherman (1981), outra linguista cujos trabalhos subsidiaram a decisão do juiz.

De acordo com Santos (1999), o aporte dos resultados da Sociolinguística Variacionista no contexto educacional brasileiro deveu-se aos trabalhos de Bortoni-Ricardo (1984, 1985 e 1993), em cujas pesquisas já indicava a necessidade de a escola promover o ensino bidialetal com vistas a facilitar a aprendizagem dos alunos falantes de dialetos não-padrão por serem provenientes de segmentos isolados social e geograficamente. Santos (1999) resgata um trecho que ilustra bem a posição de Bortoni-Ricardo sobre o assunto:

a) o respeito às características culturais e lingüísticas do educando, o que lhe garantirá a manutenção de sua auto-estima e viabilizará sua integração na cultura escolar, que lhe é razoavelmente estranha, e b) o conhecimento, por parte da escola, das características da competência comunicativa que o educando traz consigo e que deverá ser ampliada e diversificada ao longo de sua formação escolar (BORTONI-RICARDO, 1993, p. 78 *apud* SANTOS, 1999, p. 68).

Apesar de Coan e Freitag (2010) reconhecerem que as implicações dos resultados das pesquisas variacionistas e o ensino de Língua Portuguesa ainda precisem ser melhor discutidos, elas afirmam que são vários os pesquisadores trabalhando para este fim (BORTONI-RICARDO, 2004; GORSKI; COELHO, 2006; BAGNO, 2007; 2009). Além desses trabalhos, as autoras reconhecem o pioneirismo e o mérito da obra de Soares (2002), cuja primeira edição foi em 1986.

Segundo Coan e Freitag (2010), a Sociolinguística Variacionista deixou um legado para a área de educação que visa promover o aumento da competência linguística dos alunos. Segundo as autoras, esse legado é composto de propostas de ensino baseadas em três pressupostos, a saber: i) correlação entre língua e sociedade; ii) análise linguística de regras variáveis condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos; e iii) minimização de preconceitos vigentes na sociedade (COAN; FREITAG, 2010, p. 174).

Alinhadas a esses pressupostos, Bortoni-Ricardo (2004 *apud* COAN; FREITAG, 2010) destaca as seguintes contribuições da Sociolinguística:

a incorporação ao repertório dos alunos de recursos para que empreguem estilos monitorados; a diferenciação de variantes estigmatizadas evitando-se, nos estilos monitorados, avaliação negativa; o desenvolvimento de estratégias de alternância entre o vernáculo e a língua de prestígio; a análise da variação no processo interacional e a conscientização quanto à variação e à desigualdade social (atitude crítica) (BORTONI-RICARDO 2004 *apud* COAN; FREITAG, 2010, p. 180).

Esse posicionamento revelou-se como uma evolução da posição da autora (BORTONI-RICARDO, 1993 *apud* SANTOS, 1999) sobre o ensino bidialetal mencionado anteriormente neste texto.

Coan e Freitag (2010) reconhecem a heterogeneidade das línguas e a importância de a escola tomar conhecimento dessa heterogeneidade e, a partir de um ensino de português culturalmente sensível às diferenças culturais e linguísticas dos alunos, promover a ampliação do repertório linguístico dos alunos em sua língua materna para que exerçam sua cidadania de forma mais plena e seu crescimento pessoal de forma mais enriquecida, de acordo com o que é preconizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL 1998a; BRASIL 1998b; BRASIL 1998c *apud* COAN; FREITAG, 2010)

Sociolinguística Variacionista e Ensino e Aprendizagem de Segunda Língua

Bayley (2005) identifica quatro contribuições potenciais da Sociolinguística Variacionista para a área de Ensino e Aprendizagem de Segunda Língua (ou Língua Estrangeira).

Em primeiro lugar, a Sociolinguística Variacionista possibilita estudar os efeitos da transferência que os alunos fazem de sua língua materna em suas produções na língua alvo. A segunda contribuição diz respeito ao fato de que as análises detalhadas das variantes das diferentes comunidades de fala fornecem uma perspectiva muito mais realista de como as línguas funcionam do que suas gramáticas descritivas tradicionais. Os estudos empíricos realizados nas comunidades de fala das línguas alvo são importantes para compreender o processo de transferência linguística dos aprendizes de uma segunda língua, bem como seu processo de aquisição, especialmente se os aprendizes recebem *input* de falantes de variedades não-padrão. Em terceiro lugar, análises de cunho variacionista podem esclarecer se a aquisição de uma segunda língua se dá por meio de reestruturação recorrente ou por meio de um *continuum* multidimensional. A quarta das contribuições da Sociolinguística Variacionista é sua potencialidade para elucidar o processo de aquisição dos padrões de variação de uma língua alvo e para explicar como os aprendizes superam o estilo formal (ou não conseguem fazê-lo) que predominantemente caracteriza as interações de sala de aula. Essa superação potencialmente lhes instrumentaliza para se comunicarem com sucesso em contextos marcados pela diversidade cultural.

Além disso, esclarece Bayley (2005), as análises variacionistas possibilitam aos aprendizes de uma segunda língua interpretar o significado dos usos variáveis das formas linguísticas identificadas nas diferentes comunidades de fala que compõem as línguas que estão sendo estudadas, bem como perceber a forma pela qual seus falantes fazem uso dessa variação para expressar suas identidades, marcar suas posições acerca de diferentes assuntos e agir nessas comunidades. Bayley (2005) segue esclarecendo que essa perspectiva das análises variacionistas pode ser empregada para promover o uso variável por parte dos aprendizes de sua nova língua para igualmente expressar suas identidades, marcar suas posições, agir em suas comunidades de fala e registrar esses usos.

A preocupação com a variação linguística no ensino de uma segunda língua ou língua estrangeira já fazia parte da agenda de trabalho de Gomes de Matos (1971 *apud* GOMES DE MATOS, 2007) que, ao elencar princípios da Linguística e traçar as implicações pedagógicas desses princípios para o ensino de português como língua estrangeira, incluiu a variação entre eles. A ênfase do autor recaiu sobre a variação diafásica ou estilística das línguas e sua recomendação é que se ensine os alunos sobre os usos formal e informal da língua ensinada.

Um ganho significativo que a Sociolinguística Variacionista traz para a área de ensino de línguas – em contextos de segunda língua ou de língua estrangeira – é romper com a tendência de se usar os termos ‘língua-alvo’ e ‘língua padrão’ como sinônimos (BAYLEY, 2000). O autor continua seu texto esclarecendo que ‘língua padrão’ é a variante detentora de maior prestígio em uma sociedade dada e que a ‘língua-alvo’ é qualquer uma das variantes da língua estudada à qual o aprendiz é exposto no contexto de ensino e que toma como modelo.

Segundo Bayley (2000), a ênfase dada à língua padrão no ensino de línguas dificulta a adoção pela área das contribuições potenciais da Sociolinguística Variacionista e perpetua o ensino prioritário de gramática.

No contexto brasileiro, conforme observa Rajagopalan (2005), além da persistente priorização do ensino de gramática nas aulas de língua inglesa, outro fator dificulta a inclusão nos contextos de ensino e nos materiais didáticos de outras variedades linguísticas de inglês: a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos. Assim, a conclusão suscitada pelo autor é que no contexto educacional brasileiro, as aulas de língua inglesa priorizam o ensino da gramática normativa da variante padrão norte-americana da língua inglesa, bem como o ensino **da** ou **sobre** a cultura norte-americana.

A Variação Linguística e os Documentos Oficiais – os PCN e o PNLD

Em contraposição à realidade do ensino de língua inglesa retratada por Rajagopalan (2005), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento que regulamenta o ensino línguas no Brasil, língua é concebida como ato social e sua função comunicativa é valorizada.

Dessa forma, por fazerem parte da grande área denominada Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, nos PCN, as línguas estrangeiras modernas são concebidas como veículos fundamentais na comunicação entre os sujeitos sociais, requerendo do aluno um nível de competência linguística que lhe franqueie acesso a informações de vários tipos, contribuindo, assim, para sua formação como cidadão e como pessoa (BRASIL, 2000).

Os PCN também recomendam que as aulas de língua estrangeira proporcionem aos alunos a competência de “saber distinguir entre as variantes linguísticas” (BRASIL, 2000, p.28), o que nos permite depreender que o ensino da língua-alvo considerará as variações de ordem diacrônica, diatópica, diastrática, diafásica ou estilística, e diamésica, conforme a classificação de Alkmin (2001) e nos vários níveis de organização do sistema linguístico, como nos lembra Mollica (2013).

Esse entendimento é confirmado pelo fato de que entre os critérios de adoção de livros didáticos de língua estrangeira pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), encontra-se um que diz respeito à exigência de que eles tenham “textos representativos das comunidades falantes da língua estrangeira” e atividades de compreensão oral “com materiais gravados em CD de áudio, em atividades baseadas em gêneros e propósitos variados, que permitam o acesso a variedades linguísticas (diferentes pronúncias e prosódias)” (BRASIL, 2009, p. 24-25).

As orientações contidas nos documentos oficiais (PCN e PNLD) que regulamentam o ensino de língua estrangeira no Brasil ratificam a importância da interface entre a Sociolinguística Variacionista e o ensino de línguas – materna, de segunda língua e de língua estrangeira.

A Sociolinguística Variacional e o Livro Didático de Língua Estrangeira

Silva (2010) realizou um levantamento de trabalhos produzidos e publicados sobre livros didáticos de língua estrangeira no período de 1998 a 2008. Nesse levantamento, o autor analisou 49 dissertações de mestrado e 04 teses de doutorado defendidas em 10 programas de pós-graduação no Brasil. Desses 53 trabalhos, apenas uma dissertação tratou de variação linguística. O autor também analisou 05 periódicos nacionais da área de Linguística Aplicada nesse período, nos quais foram encontrados 10 artigos sobre livros didáticos de língua estrangeira, mas nenhum deles tratou de variação linguística. Para complementar seu levantamento, Silva (2010) analisou os trabalhos apresentados sobre livros didáticos de língua estrangeira no I Simpósio sobre o Livro Didático de Língua Materna e Estrangeira (I SILID), na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), bem como no II Simpósio sobre o Livro Didático de Língua Materna e Estrangeira e I Simpósio sobre Materiais e Recursos Didáticos (II SILID / I SIMAR), na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). O autor constatou que nenhum dos 27 trabalhos apresentados no I SILID e dos 43 apresentados no II SILID / I SIMAR tratou de variação linguística em livros didáticos de língua estrangeira.

Nas considerações finais de seu artigo, Silva (2010) demonstrou que os trabalhos sobre livros didáticos de línguas estrangeiras examinados ratificam os resultados de Pereira (2004) pois destacam a função prática do livro didático, atribuindo a ele a função de orientar o trabalho docente no que diz respeito ao conteúdo e à metodologia de ensino, além de considerá-lo um canal de difusão de representações sociais e culturais.

Ainda em suas considerações finais, Silva (2010) enumerou um conjunto de assuntos que poderia ser objeto de pesquisas sobre livros didáticos de línguas estrangeiras. Ele também sugeriu um conjunto ainda maior de áreas com as quais a Linguística Aplicada, área de sua atuação profissional e na qual o seu artigo se enquadra, poderia estabelecer uma relação interdisciplinar. Contudo, a Sociolinguística Variacionista não fez parte desse conjunto. Além disso, o autor não discutiu a quase ausência da variação linguística como tema dos trabalhos analisados.

A carência de estudos descrevendo a presença de variação linguística em livros didáticos de língua estrangeira também foi sentida por Frangiotti (2014) em sua busca no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A autora identificou apenas o trabalho de Rodrigues (2005). Assim, para a composição do presente artigo, repeti a busca de Frangiotti (2014) e identifiquei duas dissertações que investigaram o tratamento da variação linguística em livros didáticos de língua estrangeira – Rodrigues (2005) e Frangiotti (2014).

Rodrigues (2005) analisou dois livros didáticos de língua inglesa – *The Compact English Book* (Livro 1) e *Globetrotter* (Livro 2) – com vistas a verificar como esses livros tratam a variação linguística. A análise dos livros do aluno das duas coleções foi realizada a partir de um roteiro. Segundo o autor, os dois livros não trazem nenhuma variação dialetal dos países anglo-fônicos, reduzindo o tratamento a esse aspecto variacional à presença de termos da variedade norte americana ou britânica. O Livro 1 apresentou poucas variações de registro, privilegiando o registro mais formal. O Livro 2 apresentou mais variações de registro, sem que o *continuum* de formalidade e a adequação de usos fossem discutidos.

A conclusão de Rodrigues (2005) é que, de modo geral, os livros didáticos de inglês ainda não tratam a variação linguística com a frequência e nem de forma explícita para que possa contribuir para o ensino da língua-alvo.

Frangiotti (2014) analisou dois livros didáticos de língua italiana – *Linea Diretta* e *Rete!* – com vistas a identificar neles a presença de variedades do italiano. A autora analisou o fenômeno da variação nos livros a partir da correlação de cinco dimensões de variação – diamésica/diatópica; diafásica/diastrática; diafásica; diastrática; e diatópica – e nove variedades linguísticas – italiano falado; italiano *neo-standard* (italiano de uso médio que é estruturalmente mais simples e mais variado em diatopia e diafasia); registro formal; registro informal; italiano dos jovens; italiano popular; italiano setentrional; italiano toscano; e italiano centro-meridional.

De acordo com Frangiotti (2014), a variedade do italiano falado é incorporada no livro *Linea Diretta*. Isto não ocorre no *Rete!*, tornando os diálogos deste segundo livro muito mais próximos da variedade escrita. Com relação à variedade *neo-standard* e às *continua* de formalidade e de diatopia, os dois livros analisados incorporaram apenas os traços menos estigmatizados de suas variedades, além de as discussões a respeito delas recaírem mais sobre seus aspectos estruturais do que sobre o valor do uso dialetal das mesmas. As variedades praticamente excluídas dos livros analisados estão o italiano falado por jovens, o italiano popular, o italiano toscano, e o italiano centro-meridional. O traço comum a essas variedades é seu desprestígio social.

No entendimento de Frangiotti (2014), a ausência das variedades menos prestigiadas dos livros didáticos justifica-se por eles serem a principal fonte de *input* para os aprendizes, criando, portanto, a demanda pela presença da variedade padrão. Contudo, essa mesma razão acaba por impedir o acesso dos aprendizes às principais características da língua estrangeira estudada.

Apesar dos nove anos que separam seus trabalhos e de terem analisado livros didáticos de ensino de duas línguas estrangeiras diferentes – língua inglesa (RODRIGUES, 2005) e língua italiana FRANGIOTTI, 2014) –, os autores reconhecem que a presença da variação linguística nos livros didáticos que analisaram ainda é escassa em frequência e tipos e de forma insuficiente para o ensino da língua que pretendem ensinar.

Considerações Finais

Os trabalhos sobre avaliação de livros didáticos para o ensino de línguas estrangeiras aqui revisados – Silva (2010), Rodrigues (2005) e Frangiotti, (2014) – indicaram uma séria escassez de estudos que descrevam as variações linguísticas desses materiais do ponto de vista da Sociolinguística Variacionista.

Isto ainda ocorre apesar da importância da Sociolinguística Variacionista para a área de Educação de modo geral, de ensino de Língua Materna, e de Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira, conforme demonstrado nas seções anteriores desse artigo.

A lacuna aqui identificada pode ser a pauta inicial de uma agenda de pesquisa sobre a intersecção da Linguística Variacionista e o ensino de línguas estrangeiras, mais exatamente sobre a avaliação de materiais didáticos.

Referências

- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.) *Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. V. 1.
- BAGNO, Marcos. *Nada na Língua é Por Acaso: Por uma Pedagogia da Variação Linguística*. São Paulo: Parábola, 2007. APUD COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística Variacionista: Pressupostos Teórico-Methodológicos e Propostas de Ensino. *Domínios de Lingu@agem*, v. 4, n. 2, 2010, p. 173-194.
- BAGNO, Marcos. *Não é errado Falar Assim*. São Paulo: Parábola, 2009. APUD COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística Variacionista: Pressupostos Teórico-Methodológicos e Propostas de Ensino. *Domínios de Lingu@agem*, v. 4, n. 2, 2010, p. 173-194.
- BAYLEY, R. Second Language Acquisition and Variationist Linguistics. In: *American Speech*, v. 75, n. 3, 2000, p. 288-290.
- BAYLEY, R. Second Language Acquisition and Sociolinguistic Variation. In: *Intercultural Communication Studies*, XIV: 2, 2005, p. 1-15.

BORTONI-RICARDO, S. M. Problemas de comunicação interdialeto. In: *Tempo Brasileiro* 78/79: 9-32, 1984. APUD SANTOS, Maria Elena Pires. *Fatores de Risco para o Sucesso Escolar de Crianças Brasiguaias nas Escolas de Foz do Iguaçu: Uma Abordagem Sociolinguística*. Curitiba. Dissertação (mestrado em Letras, área de concentração: Linguística). Universidade Federal do Paraná, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *The urbanization of rural dialect speakers: a Sociolinguistic Study in Brazil*, Cambridge, Cambridge University Press, 1985. APUD SANTOS, Maria Elena Pires. *Fatores de Risco para o Sucesso Escolar de Crianças Brasiguaias nas Escolas de Foz do Iguaçu: Uma Abordagem Sociolinguística*. Curitiba. Dissertação (mestrado em Letras, área de concentração: Linguística). Universidade Federal do Paraná, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação bidialeto: O que é ? É possível ? In: SEKI, Lucy (Org.). *Linguística Indígena e Educação na América Latina*. Campinas: Unicamp, 1993, p. 71-88. APUD SANTOS, Maria Elena Pires. *Fatores de Risco para o Sucesso Escolar de Crianças Brasiguaias nas Escolas de Foz do Iguaçu: Uma Abordagem Sociolinguística*. Curitiba. Dissertação (mestrado em Letras, área de concentração: Linguística). Universidade Federal do Paraná, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004. APUD COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística Variacionista: Pressupostos Teórico-Metodológicos e Propostas de Ensino. *Domínios de Lingu@agem*, v. 4, n. 2, 2010, p. 173-194.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a. APUD COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística Variacionista: Pressupostos Teórico-Metodológicos e Propostas de Ensino. *Domínios de Lingu@agem*, v. 4, n. 2, 2010, p. 173-194.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998b. APUD COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística Variacionista: Pressupostos Teórico-Metodológicos e Propostas de Ensino. *Domínios de Lingu@agem*, v. 4, n. 2, 2010, p. 173-194.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998c. APUD COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística Variacionista: Pressupostos Teórico-Metodológicos e Propostas de Ensino. *Domínios de Lingu@agem*, v. 4, n. 2, 2010, p. 173-194.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio – Linguagens Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2012 – Ensino Médio. Brasília: 2009. Disponível em <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-editais/item/3014-editais-antecedentes>>. Acesso em 07 de outubro de 2014.

COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística Variacionista: Pressupostos Teórico-Metodológicos e Propostas de Ensino. *Domínios de Lingu@agem*, v. 4, n. 2, 2010, p. 173-194.

FRANGIOTTI, G. A. As Variedades Linguísticas no Ensino de Línguas: Análise de Dois Livros Didáticos de Italiano para Estrangeiros. São Paulo. Dissertação (mestrado em Língua, Literatura e Cultura Italianas). Universidade Federal de São Paulo, 2014.

GOMES DE MATOS, F. A Linguística e o Ensino de Português como Língua Estrangeira. In: L. A. de Azevedo Filho (Org.). *II Congresso Brasileiro de Língua e Literatura*. Rio de Janeiro: Edições Gernasa/Artes Gráficas, 49-58, 1971. APUD GOMES DE MATOS, F. Influência da linguística em materiais didáticos para Ensino de Português como Língua Estrangeira: Uma Perspectiva Brasileira. In: *Revista de estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v. 2, p. 47-59, 2007.

GOMES DE MATOS, F. Influência da linguística em materiais didáticos para Ensino de Português como Língua Estrangeira: Uma Perspectiva Brasileira. In: *Revista de estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v. 2, p. 47-59, 2007.

GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. (Orgs.). **Sociolinguística e ensino: contribuições para formação do professor de língua**. Florianópolis: EdUFSC, 2006. APUD COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística Variacionista: Pressupostos Teórico-Metodológicos e Propostas de Ensino. *Domínios de Lingu@agem*, v. 4, n. 2, 2010, p. 173-194.

LABOV, William. *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. Objectivity and Commitment in Linguistic Science: The Case of Black English Trial in Ann Arbor. In: *Language in Society* 11, p. 165-201, 1982. APUD SILBERSTEIN, Sandra. Sociolinguistics. In: CARTER, Ronald; NUNAN, David. *The Cambridge Guide to Teaching English to Speakers of Other Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno; Maria Pereira Scherre; Carolie R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação Teórica: Conceituação e Delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) *Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da Variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

NARO, Antony Julius. Modelos Quantitativos e Tratamento Estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) *Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da Variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A Geopolítica da Língua Inglesa e seus Reflexos no Brasil. In: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil. *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

RODRIGUES, D. S. *O Tratamento da Variação Linguística em Livros Didáticos de Língua Inglesa*. Fortaleza. (mestrado em Linguística Aplicada, área de concentração: Contextos Educacionais e Estratégias de Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras). Universidade Federal do Ceará.

SANTOS, Maria Elena Pires. *Fatores de Risco para o Sucesso Escolar de Crianças Brasileiras nas Escolas de Foz do Iguaçu: Uma Abordagem Sociolinguística*. Curitiba. Dissertação (mestrado em Letras, área de concentração: Linguística). Universidade Federal do Paraná, 1999.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2002. APUD COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística Variacionista: Pressupostos Teórico-Metodológicos e Propostas de Ensino. *Domínios de Lingu@agem*, v. 4, n. 2, 2010, p. 173-194.

SILBERSTEIN, Sandra. Sociolinguistics. In: CARTER, Ronald; NUNAN, David. *The Cambridge Guide to Teaching English to Speakers of Other Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

SILVA, R. C. Estudos Recentes em Linguística Aplicada no Brasil a Respeito de Livros Didáticos de Língua Estrangeira. In: RBLA, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 207-226, 2010.

SMITHERMAN, G. N. 'What Go Round Come Round': King in Perspective. In: *Harvard Educational Review* 62, p. 40-46, 1981. APUD SILBERSTEIN, Sandra. Sociolinguistics. In: CARTER, Ronald; NUNAN, David. *The Cambridge Guide to Teaching English to Speakers of Other Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ABSTRACT: The paper aimed to portray the relationship between the Variationist Sociolinguistics, Foreign Language Teaching and evaluation of teaching material. To this end, the paper brings a short history of the employment of Variationist Sociolinguistics to Education, to the Teaching of First and Foreign Languages as well as evaluation of teaching material. Evidences of lack of studies on the issue are reported in the conclusion.

KEY WORDS: Sociolinguistics; Variation; Teaching; Language.